

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

ROSEMERY FRANCISCA DA SILVA

TECNOLOGIAS A SERVIÇO DA REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS

FLORIANÓPOLIS, 2019

ROSEMERY FRANCISCA DA SILVA

TECNOLOGIAS A SERVIÇO DA REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito final para graduação em Bacharelado em Letras Português, do CCE, da UFSC.

Orientação: Profa. Dra. Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos.

FLORIANÓPOLIS, 2019

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Rosemary Francisca da. Tecnologias a serviço da revisão de textos acadêmicos. Rosemary Francisca da Silva/ orientador, Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos, 2019.
— 40 p.

Monografia (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Letras Português,

Inclui referências.

1.Linguagem. 2. Tecnologias. 3.Revisão.
Vasconcelos, Silvia Ines Coneglian Carrilho de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Linguagens e Educação a Distância. III. Título.

ROSEMERY FRANCISCA DA SILVA

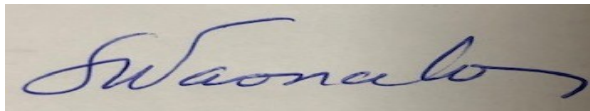
TECNOLOGIAS A SERVIÇO DA REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharel em Letras Português e aprovado em sua forma final pela Universidade Federal de Santa Catarina.

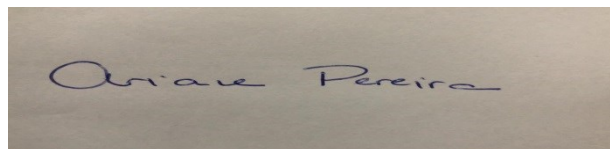
Florianópolis, 5 de julho de 2019.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

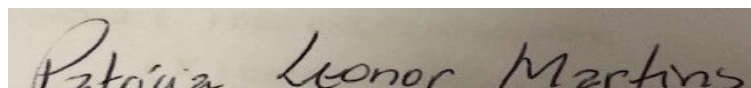
Banca Examinadora:



Profa. Silvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Ariane Carla Pereira, Dra.
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)
Membro da banca examinadora



Profa. Patrícia Leonor Martins, Ma.
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro da banca examinadora

Este trabalho é dedicado aos meus professores que pacientemente me ensinaram a literatura e poderosamente tornaram o ensino da língua uma constante na minha vida. Dedico também aos meus amigos que trilharam comigo os dias de estudo e à Universidade Federal de Santa Catarina, que me acolheu com carinho e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A minha história acadêmica foi um processo magnífico de transformação de muitos valores. Cada momento vivido se caracterizou pela exclusão de valores considerados tradicionais, meus escritos foram pautados no conhecimento e no aprendizado, que, de forma clara, tornaram os valores apreendidos numa conduta ética capaz de me auxiliar no convívio social. Meu objetivo maior foi a sabedoria, procurando encontrar em tudo um sentido relativizado, eliminando as questões ensinadas de forma não comovente, tentando me encontrar num caminho verdadeiro e sólido. As singelas explicações ministradas pelos meus professores me levaram a crer que as palavras são singelas e possuem um grau de simpatia, pois elas não falseiam quando são expostas com amor e sabedoria.

Seguindo o meu coração e a minha razão, só tenho a agradecer todo o legado deixado por esses grandes mestres, que me orientaram e me fizeram renascer, depois de um longo tempo sem me dedicar aos estudos. Assim sendo, agradeço aos professores, todos em geral, porque todos tiveram o seu valor e deram o que de mais rico possuem, o seu conhecimento e a sua dedicação.

Por fim, me entrego de corpo e alma aos corredores desta Universidade, que me acolheu e me disponibilizou tantos recursos, para em pensamento estar presente em cada minuto, tornando a minha presença uma fonte de luz e de reconhecimento a todos que me receberam e me tornaram mais humana e culta. Dedico as horas alegres ao companheiro acadêmico e amigo que nos deixou precocemente, Rafael Alves de Souza. Que Deus o abençoe e o torne mais querido do que sempre foi.

Desejo, ainda, muito sucesso e prestígio para a minha orientadora professora Sílvia Inês Coneglian Carrilho de Vasconcelos, pela resiliência e compreensão dispensadas. Que Deus envolva essa educadora em luzes de amor e de gratidão.

Agradeço, ainda, ao colega Pietro Tabarin Volponi tanto pelo apoio à pesquisa das tecnologias tradicionais e digitais específicas para revisão de texto, quanto pelo auxílio referente ao alcance de cada tecnologia e à leitura atenta do meu texto final, acrescentando sugestões a partir da sua experiência como revisor de textos.

E com o saber, agora construído, só me resta agradecer aos meus amigos de sala de aula, aos meus amores que tanto me ensinaram. O convívio foi excelente, e o aprendizado foi edificante.

Ao findar, deixo a minha gratidão a minha amiga e filha Suellen Bianka Campos, pela sua capacidade em me incentivar e me tornar uma aprendiz constante; também, a minha companheira canina Bambina, que, nas horas de tarefas acadêmicas e de exaustão, ficou ao meu lado em silêncio, transmitindo o seu carinho.

E, principalmente, agradecer a Deus e a minha família pela minha evolução todos os dias. Hoje sou uma nova criatura que caminha em vários espaços e, transformada pelo saber, me sinto mais forte, uma pessoa mais segura. A educação angariada me fez acreditar que o tempo só existe se aproveitarmos as oportunidades e os conhecimentos elaborados.

Mas, quando se trata de textos acadêmicos, geralmente é preciso fazer intervenções maiores, reformulando trechos, excluindo outros, com o objetivo de que o texto se torne adequado ao que preveem as práticas discursivas usualmente privilegiadas na academia. (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 343)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por tema a revisão de texto acadêmico com o auxílio de tecnologias. O objetivo geral está voltado para a contribuição à ampliação dos conhecimentos para o campo da escrita acadêmica e a tarefa do profissional de revisão de textos. Os objetivos específicos são: a) apresentar um breve perfil da atuação do revisor de texto; b) elencar tecnologias manuais e digitais disponíveis para o trabalho de revisão textual; c) elaborar uma análise crítica dessas tecnologias de revisão textual, apontando o alcance de cada uma bem como suas limitações. A metodologia envolveu dois procedimentos: a pesquisa bibliográfica e a descritivo-analítica. A base teórica está centrada na contribuição dos autores: Gomide; Gomide Filho (2015) e Marcuschi (2010). Os resultados obtidos são: a) indicação das vantagens e das limitações das tecnologias tradicionais (dicionários e gramáticas publicadas em papel); b) indicação das vantagens e das limitações das tecnologias digitais (plataformas e aplicativos); c) indicação da necessária e importante presença do profissional revisor de textos para uma revisão de qualidade.

Palavras-chave: Revisão de texto. Recursos manuais. Recursos digitais. Texto acadêmico.

ABSTRACT

The focus of this paper is the task of review of academic texts by support of technologies. The general objective is to contribute to the expansion of knowledge for the field of academic writing and the task of the proofreader. The specific objectives are: a) to present a brief profile of the role of the proofreader; b) listing the manual and digital technologies available for textual review work; c) to elaborate a critical analysis of these technologies of textual revision, pointing out the scope of each as well as its limitations. The methodology used are: bibliographical and descriptive-analytical research. The theoretical basis is centered on the contribution of the authors: Gomide; Gomide Filho (2015) and Marcuschi (2010). The results obtained are: a) indication of the advantages and limitations of traditional technologies (dictionaries and grammars published on paper); b) indication of the advantages and limitations of digital technologies (platforms and applications); c) indication of the necessary and important role of the reviewer of texts for a quality review.

Keywords: Proofreader. Grammars. Dictionaries. App. Academic Discourse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Dicionário Priberam.....	25
Imagem 2 – Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.....	27
Imagem 3 – VOLP (logo do app)	28
Imagem 4 – VOLP (abertura do app)	29
Imagem 5 – Conjugação de Verbos Offline.....	32
Imagem 6 – Conjugação português.....	33
Imagem 7 – Acentuando.....	33
Imagem 8 – Português para Concursos.....	34
Imagem 9 – Página do Word.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 REVISÃO E REVISORES.....	15
2.1 GÊNERO TEXTUAL ACADÊMICO.....	15
2.2 REVISÃO DE TEXTO: O QUE DIZEM REVISORES PROFISSIONAIS.....	17
2.3 REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS: ALGUNS DIZERES PESSOAIS.....	21
3 RECURSOS MANUAIS E DIGITAIS PARA REVISÃO DE TEXTOS	
ACADÊMICOS.....	24
3.1 DICIONÁRIOS: IMPRESSOS E <i>ON-LINE</i>	25
3.2 GRAMÁTICAS: IMPRESSAS E <i>ON-LINE</i>	30
3.3 APLICATIVOS.....	32
3.3.1 Conjugação.....	32
3.3.2 Acentuando.....	33
3.3.3 Português para Concursos.....	34
3.3.4 Corretor automático do Microsoft Word.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

O Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras delineia dois perfis profissiográficos: um, voltado para o ensino de língua portuguesa para os níveis fundamental e médio da educação brasileira, recebe o nome de Licenciatura em Letras Português, e o outro, para áreas de atuação fora do âmbito escolar, recebe o nome de Bacharelado. Ambas modalidades têm um conjunto de disciplinas cujo objetivo se volta para a formação acadêmico-científica do aluno de forma que ele possa atuar, no campo do ensino ou fora dele, sempre apoiado em conhecimento sistematizado e validado por pesquisas científicas.

A modalidade Licenciatura tem um direcionamento bastante definido, porque é regulado pelas bases do ensino de língua portuguesa das escolas tanto públicas quanto privadas. Já a modalidade Bacharelado não tem um direcionamento definido enquanto delineamento profissional, porque o egresso dessa modalidade pode exercer atividades não regulamentadas como as dos egressos da Licenciatura. Em geral, os graduados no Bacharelado em Letras exercem atividades de assessores em editoras de livros, revisores de textos em empresas ou como autônomos, coordenadores culturais, organizadores de feiras de livros. Mas todas essas atividades, por não terem regulamentação oficial, podem ser exercidas por outros profissionais não formados em cursos de Letras, especialmente no caso do revisor de textos, que é o foco deste trabalho de conclusão de curso.

Com o advento da tecnologia digital, muitas das atividades de, por exemplo, revisão, tradução ou versão de textos de uma para outra língua são executadas por programas digitais que – a partir de um banco de dados – apontam, no caso de revisão de textos, onde pode haver um erro ou deslize em relação à norma padrão da língua bem como indicam substituições possíveis. Nesse sentido, o papel do revisor poderia ser descartado. No entanto, a função do revisor de textos continua sendo imprescindível em muitos casos, mesmo com toda a tecnologia disponível ou até com ela. Embora as atividades de revisão de textos tenham demanda real, especialmente no âmbito acadêmico, o curso de Letras não tem feito investimento nessa área de forma a alavancar de modo mais determinante a formação do aluno de Letras em direção ao campo de atuação fora do âmbito escolar, constituindo uma grande lacuna em relação ao desenvolvimento de habilidades para esse campo profissional. Tal lacuna tem sido preenchida com investimentos próprios dos

egressos do curso de Letras, por inexistência de abordagens reflexivas ou pragmáticas que envolvem a especial tarefa de revisar textos de outrem.

Tendo em vista esse quadro aqui brevemente apresentado, apontamos o tema central de nosso trabalho de conclusão de curso: tecnologias manuais e digitais usadas no processo de revisão de textos acadêmicos. O objetivo geral de nosso trabalho busca contribuir para a ampliação dos conhecimentos para o campo da escrita acadêmica e a tarefa do revisor de textos. Os objetivos específicos elaborados de forma a atingirmos o objetivo geral são: a) apresentar um breve perfil da atuação do revisor de texto; b) elencar as tecnologias manuais e digitais disponíveis para o trabalho de revisão textual; c) elaborar uma descrição dessas tecnologias de revisão textual, apontando o alcance de cada uma bem como suas limitações. A metodologia, de cunho qualitativo, envolveu dois procedimentos: a pesquisa bibliográfica e a descritivo-analítica. A pesquisa bibliográfica é definida, segundo Gil (2011), como aquela em que o pesquisador acessa obras (livros, artigos, *sites*, filmes, entre outros) que deem apoio teórico ou metodológico para a compreensão do fenômeno em estudo. A pesquisa descritivo-analítica (LAKATOS; MARCONI, 2014) é definida como a que busca descrever o fenômeno em estudo, analisando-o de modo discursivizado. A base teórica que sustenta as descrições analíticas engloba as reflexões acerca de tecnologia e tecnologia digital bem como as referentes ao campo da linguística, da linguística aplicada e de práticas de revisão de textos acadêmicos.

Para uma melhor apreciação do trabalho de conclusão de curso, explicitamos sua organização. Nesta Introdução, apresentamos o tema, os objetivos, a justificativa da escolha do tema e a metodologia utilizada. Após, discorreremos sobre as principais contribuições acerca do tema no capítulo de fundamentação teórica. No capítulo de análise, apresentamos as tecnologias manuais e digitais utilizadas nas atividades de revisão de texto acadêmico bem como suas vantagens e limitações. No último capítulo, tecemos nossas considerações finais como balanço geral das análises realizadas. Finalmente, seguem-se as referências.

2 REVISÃO E REVISORES

Neste capítulo apresentamos noções sobre gênero textual acadêmico, atribuições do revisor de texto conforme manuais e, por fim, reflexões pessoais sobre as atividades desse profissional.

2.1 GÊNERO TEXTUAL ACADÊMICO

Adotando a perspectiva do Círculo de Bakhtin de que toda comunicação verbal se realiza por meio de algum gênero textual¹ (ou do discurso), Marcuschi (2010) distingue o conceito de gênero textual e o de tipo textual.

O tipo textual é “[...] uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (MARCUSCHI, 2010, p. 23). São tipos textuais: a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção.

Já o gênero textual é uma ação sociodiscursiva que se materializa em um texto, oral ou escrito. Pode ser entendido, segundo Marcuschi (2010, p. 23), como uma forma relativamente estável com “[...] características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição temática”. O autor acrescenta que os gêneros “[...] são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI, 2010, p. 23). O romance, o conto, a reportagem, a notícia, a petição e a sentença são exemplos de gênero textual. A diversidade de gêneros decorre de inovações tecnológicas (pensemos comparativamente na carta e no e-mail) e de necessidades distintas – variáveis no decorrer do tempo – de interação sociocomunicativa entre as pessoas (imaginemos as ações sociais e os objetivos realizáveis usando-se receita médica ou requerimento).

[...] os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-

¹ Optou-se, como Marcuschi (2010), pelo termo “gênero textual”, em vez de “gênero do discurso” ou “gênero discursivo”. Como será visto no Capítulo 2, os recursos manuais e digitais para revisão de texto analisados se aplicam principalmente a textos realizados materialmente. Essa opção, no entanto, não diminui nem coloca em segundo plano o discurso, que, embora não seja objeto desta pesquisa, também tem sua importância na revisão de texto.

se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sociodiscursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer (MARCUSCHI, 2010, p. 20).

Os gêneros textuais se inserem em domínios discursivos. Marcuschi (2010, p. 24, grifo do autor) esclarece que:

Usamos a expressão domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso* etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhes são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

Os conceitos de gênero textual e de domínio discursivo nos ajudam a propor a categoria “gênero textual acadêmico”. Com ela queremos designar, em sentido amplo, todos os gêneros textuais possíveis de serem produzidos, compartilhados e lidos no domínio discursivo acadêmico, como bilhete, *post* de blogue, contracapa de livro, aula, anotações de aula, ementa de disciplina, plano de ensino, debate, seminário, palestra, fichamento, resumo prova, relatório, resenha, projeto de pesquisa, artigo acadêmico, monografia, dissertação e tese. Essa lista poderia ser muito maior, e dificilmente conseguiríamos completá-la, porque são inúmeros e diversos os gêneros acadêmicos orais e escritos.

Eles ocorrem no domínio discursivo acadêmico, uma instância de produção e legitimação discursiva própria das instituições de ensino superior, também chamadas de academias, que se organizam conforme certas práticas e rotinas sociocomunicativas. As atividades acadêmicas visam, basicamente, “[...] instruir, ensinar, produzir e divulgar saberes, ou seja, levar o leitor [e outros participantes da academia] a assimilar conhecimentos e valores instituídos” (BRASILEIRO, 2016, p. 9). Vieira e Faraco (2019, p. 91) afirmam que:

Os textos que habitam a universidade se organizam a partir de certas possibilidades e restrições estruturais, temáticas e estilísticas que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero.

Demandas e objetivos acadêmicos específicos solicitam gêneros específicos, organizados a partir de estruturas e formas também específicas.

Não descrevemos nenhum gênero do domínio discursivo acadêmico, porque o foco deste trabalho é abordar o uso de tecnologias na revisão de textos acadêmicos. Por outro lado, deve se ter em vista que as práticas sociais com gêneros diversos permitem a cada pessoa formar um conhecimento sistemático sobre eles com base nas suas características gerais – tema, conteúdo, propriedade funcional e estilo –, mencionadas no início desta seção, nas quais se inclui o público-alvo. Numa tentativa de caracterizar minimamente os elementos que os gêneros textuais acadêmicos escritos têm em comum, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 23) sustentam que cada um

[...] pode ser reconhecido pela maneira particular com que é construído, pelo menos, em relação a:

- tema e objetivo do texto (o que queremos realizar ao publicar o texto, como avaliar um novo livro, relatar um experimento ou comprovar a eficiência de uma nova droga);
- público-alvo para quem escrevemos (para alunos de graduação, alunos de doutorado, pesquisadores experientes, público leigo?);
- natureza e organização das informações que incluímos no texto (adotaremos seções para cada etapa da pesquisa como a revisão da literatura, a metodologia e os resultados, como no artigo acadêmico experimental?).

A revisão de um gênero textual acadêmico escrito pressupõe, entre outras aptidões, conhecer a sua configuração e o domínio discursivo em que se insere.

2.2 REVISÃO DE TEXTO: O QUE DIZEM REVISORES PROFISSIONAIS

Escrever, além de ser uma prática social, é um processo que inclui planejamento, escrita e revisão (GARCEZ, 2012, p. 20). A revisão de um texto pode ser feita pelo próprio autor ou ser solicitada a outra pessoa. Enquanto no primeiro caso (autorrevisão) o autor pode revisar partes do texto à medida que o (re)escreve ou revisá-lo só depois de finalizado, no segundo caso o autor deve entregar a outra pessoa o material concluído, ao menos com o aspecto do que seria a sua primeira versão².

²Motta-Roth e Hendges (2010) recomendam a revisão pelo próprio autor: “A palavra-chave para a qualidade de qualquer texto é ‘revisão’ a cada versão do texto e, de modo especial, na versão final. É *fundamental* que você aprenda a ler seu próprio texto com distanciamento

Interessa-nos o segundo caso, especificamente a revisão de texto por um profissional qualificado.

No Brasil não há uma lei própria que trate da profissão de revisor de textos, como ocorre, por exemplo, com a profissão de advogado e a de assistente social, disciplinadas respectivamente na Lei n. 8.906, de 4 de julho de 1994 (Estatuto da Advocacia) (BRASIL, 1994), e na Lei n. 8.662, de 7 de junho de 1993 (BRASIL, 1993). Em princípio, qualquer pessoa pode ser revisor de textos, diferentemente do advogado, que, entre outros requisitos, para ser inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, deve ser aprovado no exame de ordem e ter diploma ou certidão de graduação em direito conferida por instituição de ensino oficialmente autorizada e credenciada (Lei n. 8.906, de 1994, art. 8º, II e IV). Também o assistente social é uma profissão que requer registro prévio em conselho regional e obtenção de diploma de graduação em serviço social (Lei n. 8.662, de 1993, art. 2º, I e parágrafo único).

Em geral, graduados no Bacharelado em Letras exercem atividades de revisão de textos em empresas ou de forma autônoma. Mas, por falta de regulamentação oficial, outros profissionais sem formação universitária ou com formação universitária diversa da oferecida em cursos de Letras podem ser revisores.

Embora discorram sobre diversos aspectos da revisão de textos, Pinto (1993), Malta (2000) e Coelho Neto (2008) não apresentam, de forma clara e condensada, um perfil profissiográfico do revisor.

Pinto³ (1993) escreveu um manual voltado para a revisão de originais e provas de livro impresso, fruto de suas experiências e vivência na área editorial. Porém, nele não consta nenhuma referência à formação e a características pessoais (conhecimentos e habilidades, por exemplo) esperadas de um revisor profissional.

e espírito crítico” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 22, grifo das autoras). Também sugerem a revisão por outra pessoa: “Não hesite em reestruturar ideias e reorganizar seu texto, mesmo que sua redação, a seu ver, seja ‘quase uma obra de arte’. *Peça aos colegas e professores* para lerem seu texto antes de dá-lo por terminado. Críticas poderão contribuir para a melhoria do manuscrito. Seu futuro leitor ficará eternamente grato por seu esforço na fase de revisão” (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010, p. 22, grifo nosso).

³ “Ildete Oliveira Pinto foi por vários anos preparador de texto, função que exerceu com rara competência” (PINTO, 1993, texto da apresentação). Não há mais informações no livro sobre o autor.

Ao se referir ao “âmbito da atividade do revisor”, Malta⁴ (2000, p. 16) atribui a este o trabalho de:

- revisar os originais aprovados para edição pelas editoras;
- revisar (se tiver conhecimento de outros idiomas) as traduções, cotejando-as com os livros originais;
- revisar as primeiras provas, comparando-as com os originais;
- revisar as segundas provas, tomando como base as primeiras e, quando necessário, reportando-se aos originais (inclusive, ainda se preciso, ao livro);
- revisar (menos comum, mas ocorre) terceiras provas, tendo como base as segundas;
- examinar (a palavra “revisar” não caberia bem aqui) as heliográficas (não é muito comum, mas se o revisor for funcionário de uma editora, acabará fazendo este trabalho);
- revisar (incomum, mas acontece) filmes que deram ou darão origem a heliográficas; e, finalmente,
- reler livros já publicados, em função de modificações que o autor quer fazer para uma nova edição, ou quando se desconfia que a edição publicada contém erros.

Malta (2000) informa que o seu manual se aplica ao texto a ser impresso na forma de livro, e o rol acima confirma esse propósito. Não há referências sobre a necessidade de ter formação universitária específica para atuar como revisor de texto, mas listam-se requisitos para ser um “bom revisor”, como ter cultura geral e ótimo conhecimento de língua portuguesa, estudar em cursos de redação, de revisão gramatical, de atualização e reciclagem, ler muito jornais e revistas para se manter informado, ser humilde e duvidar de seus próprios conhecimentos, ter atenção e senso crítico, saber consultar fontes de pesquisa e “não se meter a autor” (MALTA, 2000, p. 28). Assim, por esse raciocínio, qualquer pessoa pode ser um bom revisor se reunir tais requisitos.

De acordo com Coelho Neto⁵ (2008, p. 109):

⁴ “Nascido em São Paulo, 1938, Luiz Roberto Malta atua na área editorial desde 1963. Trabalhou nas editoras Madras, Nacional, Ática, Saraiva, Summus Editorial e Altair Brasil; nas últimas quatro como gerente editorial. Paralelamente, sempre revisou provas e originais. Já traduziu mais de cem livros do inglês, francês, espanhol e italiano. Em 1988 fundou sua própria empresa de assessoria editorial e gráfica, atendendo desde então a dezenas de editoras e particulares como revisor, tradutor, copidesque e consultor” (MALTA, 2000, texto da primeira orelha do livro).

⁵“Aristides Coelho Neto é especialista em língua portuguesa, revisor de textos, professor, arquiteto, autor de *Estágio no Planeta Terra* (ficção espiritualista) e de *Rio Preto, na rota dos Asteroides* (jornalismo histórico). É tradutor e adaptador do romance *Perdoo-te*.” (COELHO NETO, 2008, texto da segunda orelha do livro)

O revisor é a pessoa ideal para fazer o autor enxergar não só erros crassos como nuances invisíveis aos olhos de quem escreve. O revisor analisa o texto como profissional e como leitor. Tal postura crítica não é assumida frequentemente pelo autor. Por isso é que tantos submetem seus textos a outras pessoas antes de os finalizarem.

As atribuições do revisor são as seguintes:

- Revisar os originais (ou provas, ou heliográficas, ou fotolitos) aprovados para edição por: editoras, gráficas, agências de publicidade, autores, mestrandos, doutorandos, preparadores de originais de quaisquer instituições etc.
- Revisar, se tiver experiência, traduções, cotejando-as com os originais (necessita de um auxiliar, em tais casos).
- Revisar textos a serem disponibilizados na internet.
- Revisar livros já publicados, objetivando uma edição revista (e/ou ampliada).
- Proceder a quantas revisões forem acordadas com o cliente. (COELHO NETO, 2008, p. 62)

Apesar de essa lista ser mais abrangente do que a de Malta (2000), apresentada anteriormente, e de Coelho Neto (2008) afirmar que o revisor é uma pessoa que analisa o texto como profissional e como leitor, não há esclarecimentos sobre os possíveis perfis desse trabalhador.

Nem mesmo Gomide e Gomide Filho (2015, p. 338), que usam a expressão “revisor profissional” e “revisores profissionais” e que têm por objetivo explícito “[...] analisar e sistematizar as habilidades exigidas para a atividade profissional de revisão de textos acadêmicos”, traçam um perfil profissiográfico consistente do revisor de texto. Apesar de reconhecerem “[...] ser este um ofício sem regulamentação técnica, que pode ser (e comumente é) realizado por estudantes de graduação e/ou profissionais sem formação específica que os habilite à revisão textual” (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 340), notamos que os quatro revisores que participaram desse estudo tinham “[...] graduação e pós-graduação em Letras e atuavam no mercado de revisão há mais de dois anos” (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 338, nota de rodapé n. 1).

Concluimos, por um lado, que a formação num curso de Letras é desejável para pessoas que atuem como revisoras de texto, conforme se infere de Gomide e Gomide Filho (2015), por terem se restringido na parte empírica da pesquisa a coletar e a interpretar dados relacionados ao modo de intervenção só de revisores graduados e pós-graduados em Letras. Por outro, seria necessário investigar o

quanto os currículos desses cursos – não examinados por Gomide e Gomide Filho (2015) – contribuem para o desempenho adequado das atribuições listadas por Malta (2000) e Coelho Neto (2008), e o quanto as experiências com a prática de revisão também são determinantes na realização desse tipo de trabalho por revisores sem formação universitária (estudantes de graduação, por exemplo) ou com formação universitária obtida em outros cursos que não os de Letras.

2.3 REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS: ALGUNS DIZERES PESSOAIS

Algumas reflexões nossas decorrem de leituras do material sobre revisão de textos referido na seção 2.2.

Gomide e Gomide Filho (2015) são os autores que trataram de certos aspectos da revisão de um gênero textual específico, o acadêmico. Já Pinto (1993), Malta (2000) e Coelho Neto (2008), sem levar em conta as noções de gênero, abordaram aspectos gerais e diversos da revisão, como originais e editoração, atribuições do revisor, relação entre autor e revisor, aplicação de regras gramaticais, formas de intervenção no texto, erros de revisão, ambiente de trabalho etc. – tópicos cuja presença ou ausência varia na seleção de cada um daqueles três autores.

Quanto a Gomide e Gomide Filho (2015), vale mesmo enfatizar a consideração de que o revisor ativa conhecimentos e habilidades em razão de vários fatores, entre os quais o gênero e o domínio discursivo. O revisor não se limita a identificar desvios gramaticais e a corrigi-los. Ele “[...] mobiliza uma série de estratégias linguístico-discursivas e perceptuo cognitivas (sic) que vão além da adequação dos textos às normas linguísticas (ortográficas, gramaticais), ou de aspectos relativos à sua formatação e normalização” (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 337).

Em função de uma série de particularidades, como a demanda do autor, da editora, do prazo etc., há momentos em que o profissional do texto precisa adotar uma postura de “policia linguístico” e corrigir apenas os problemas linguístico-gramaticais mesmo. Mas, quando se trata de textos acadêmicos, geralmente é preciso fazer intervenções maiores, reformulando trechos, excluindo outros, *com o objetivo de que o texto se torne adequado ao que preveem as práticas discursivas usualmente privilegiadas na academia.* (GOMIDE; GOMIDE FILHO, 2015, p. 343, grifo nosso).

Essa linha de pensamento reforça o que expusemos, na seção 1.1, sobre domínio discursivo acadêmico e gênero textual acadêmico, de modo que tais noções devem integrar os conhecimentos do revisor que trabalha com esse gênero.

Quanto a Pinto (1993), Malta (2000) e Coelho Neto (2008), sintetizamos, a seguir, de maneira bem pessoal, algumas lições que resultam de seu repertório e suas experiências profissionais.

O revisor de texto deve ter conhecimentos diversificados, e não só gramaticais. Precisa ter cultura geral para interpretar um texto, já que este não se compõe apenas de elementos linguísticos, e realizar um trabalho eficiente, atentando para a lógica da argumentação, o encadeamento das ideias, a coerência conceitual. É fundamental que seja leitor assíduo, que o seu trabalho esteja bem alicerçado em conhecimentos e informações atuais de todo tipo. Deve saber o público a que se destina o texto.

Ao revisor de texto cabe fazer aquilo que lhe foi requerido contratualmente. A estética de um texto, sua apresentação visual, é parte importante a ser avaliada, porém nem sempre é obrigatória. Os termos do contrato é que estipularão o alcance da atuação do revisor, desde que se correlacionem às atribuições deste. Diagramar, por exemplo, é atribuição do diagramador. Essa atividade só competirá ao revisor se este souber realizá-la, o que pode aumentar o custo dos serviços prestados. A responsabilidade pela veracidade de dados e informações usados, e também por sua citação correta, é do autor, em princípio. Antes de negociar e aceitar os termos do contrato, convém que o profissional leia alguns trechos do texto a ser revisado para identificar o seu estado de apresentação, tema, público-alvo e número de páginas, bem como se há usos peculiares da língua. Também é importante que pergunte ao autor se tem urgência ou alguma orientação especial. É o momento para que se solucionem as dúvidas sobre todos esses aspectos e outros que forem notados.

No que tange ao modo de o autor usar a língua, é necessário que suas escolhas sejam consideradas pelo revisor. O critério de adequação ao gênero textual é útil nessa avaliação. Por meio dele, o revisor pode justificar alguma alteração que possivelmente não satisfaça às pretensões do autor. De qualquer forma, o revisor não pode agir isoladamente ao analisar o texto; por isso, esforça-se em agir levando em conta as intenções do autor, além das expectativas do público-

alvo, do gênero textual e do domínio discursivo. Mantém-se, assim, uma atitude de respeito com a palavra do outro, e se facilita a realização de um bom trabalho.

Por fim, há alguns recursos que auxiliam o revisor de texto, os quais são objeto do próximo capítulo.

3 RECURSOS MANUAIS E DIGITAIS PARA REVISÃO DE TEXTOS ACADÊMICOS

Revisar um texto é ter um olhar novo para esse objeto, que passa a ser outro texto. Desde a tipografia até as revisões na modernidade tudo foi se renovando. As técnicas encontradas possibilitaram novos meios de correção e passaram a satisfazer os diversos clientes que necessitavam desses serviços. No decorrer dos acontecimentos passaram por um aprimoramento com o uso dos diversos recursos eletrônicos, com os *softwares* ou aplicativos – mesmo assim, dentro desse aspecto o revisor não conseguiu ser substituído pela máquina.

Em se tratando dos vários recursos, é de real importância os meios utilizados, tais como os computadores, que, como simuladores de conhecimentos, facilitam a tarefa do revisor de textos e a revisão textual em si, e que, com a sua rapidez, tornam o trabalho de um revisor bem mais resoluto ou, pelo menos, mais ágil. Muitos são os recursos usados, como a utilização dos revisores automáticos, que funcionam como solucionadores de problemas dos erros em palavras, identificando a correção de palavras de forma isolada e com a correção dentro de um contexto apropriado. Mas não somente essa tecnologia digital basta. Há muitas outras, que serão aqui apresentadas, pois esse é o foco da pesquisa empreendida.

Considerando esse breve quadro, passamos agora a apresentar e descrever as vantagens e os limites de diferentes tecnologias (manuais e digitais) disponíveis para os revisores de textos. Antes de iniciarmos a apresentação e análise das tecnologias manuais ou digitais, importa definir tecnologia. A palavra tecnologia tem sua origem no grego antigo (*tekhné*), com o sentido de “técnica, arte, ofício”, associada a “logos” que, em grego antigo, se refere a “conjunto de saberes”. Dentre as várias acepções do termo nos diferentes dicionários, um aqui é mais apropriado ao tema central da investigação: conjunto de processos específicos relacionados a um fazer teórico ou prático. São, normalmente, procedimentos que podem utilizar-se de instrumentos ou não, mas que são facilitadores da execução de atividades humanas. Estamos chamando de tecnologias manuais aquelas tradicionais que independem de energia elétrica para seu acesso, como, por exemplo, livros impressos. E de tecnologias digitais aquelas que se encontram em ambiente informatizado.

3.1 DICIONÁRIOS: IMPRESSOS E ON-LINE

A definição mais comum do termo “dicionário” é:

Colecção organizada, geralmente de forma alfabética, de palavras ou outras unidades lexicais de uma língua ou de qualquer ramo do saber humano, seguidas da sua significação, da sua tradução ou de outras informações sobre as unidades lexicais. (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2013)

Imagem 1 – Dicionário Priberam



Fonte: Capturada pela autora em: <https://dicionario.priberam.org/foto>. Acesso em: 2 jun. 2019.

A concepção de ordem alfabética está vinculada à modalidade impressa, porque na modalidade digital essa configuração não se apresenta como necessária, já que a entrada (*upload*) de um termo, palavra ou expressão ou sua busca independem da ordem alfabética, porque a recuperação se dá por dígitos reconhecíveis pelo sistema digital.

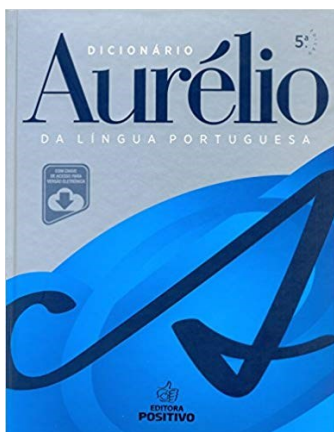
Atualmente os dicionários se apresentam em tipos específicos, como dicionário de plantas, dicionário de minerais, dicionário astronômico, dicionário filosófico. Mas em todos os tipos há uma constante que se observa na pressuposta origem na Mesopotâmia por volta de 2.600 a.e.c.: a compilação de informações que compõem um repertório de signos disponíveis para a guarda e a disseminação de saberes. Gregos e romanos também se dedicaram a organizar seus dicionários, sem, todavia, estarem organizados em ordem alfabética. Somente no fim da Idade Média é que os dicionários passaram a ter essa organização para facilitar a busca

do termo ou expressão, já que o volume de informações passou a ser muito grande, até por conta dos investimentos em tradução de clássicos do pensamento teológico da época e da própria bíblia. Com o advento da imprensa, a difusão informacional pelo aumento de publicações exigiu tal organização interna desse tipo de obra.

Os dicionários impressos têm sido grandes aliados nos processos de escrita e também no processo de revisão de textos, porque apresentam uma grafia relativamente estabilizada bem como a significação de cada vocábulo, sua classe gramatical e sua sinonímia. Em alguns casos apresentam ainda os antônimos possíveis. Os dicionários impressos têm (ou tiveram) grande importância, porque, especialmente na cultura de escrita da língua portuguesa, há uma prática socialmente estabelecida de que um mesmo termo não deve ser repetido num mesmo trecho do texto. Nesse sentido, o dicionário é auxílio fundamental na busca de sinônimos, por exemplo.

Em muitos dicionários, além da grafia estabilizada (escrita “oficial”) e dos itens acima mencionados (a significação de cada vocábulo, sua classe gramatical e sua sinonímia), há transcrição fonética (de um padrão sonoro somente, mas não todas as possíveis variações dialetais, entre outras), a divisão silábica da escrita do vocábulo, a forma plural, a variação de gênero (se houver) bem como exemplificações em frases típicas ou expressões idiomáticas. Esse acervo de informações é um grande auxiliar para o revisor de textos – denotadamente para textos acadêmicos – que pode consultá-lo no caso de dúvida em qualquer dos itens descritos. No Brasil, nas últimas décadas, o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda ficou tão popular que acabou se tornando uma referência. É bem comum ouvir alguém dizer: vamos ver no Aurélio como se escreve tal palavra, vamos consultar o Aurélio para saber o sentido de uma palavra.

Imagem 2 – Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa



Fonte: Capturada pela autora em: <https://busca.saraiva.com.br/q/dicionario-aurelio-editora-positivo>. Acesso em: 2 jun. 2019.

As vantagens de se ter uma obra dessas é tê-las disponíveis, independentemente das condições contextuais, à mão, desde que se tenha luminosidade para poder ler os verbetes e suas predicções (descrições específicas de cada verbete). As desvantagens estão vinculadas à necessidade de cada sujeito, de cada revisor ter uma obra à disposição para si. Outra desvantagem é o volume e o peso da obra caso ela seja mais completa. Outra, ainda, é a impossibilidade de acessar seu conteúdo sem luminosidade suficiente. E, também, ela é inacessível a portadores de disfunções visuais, exceto se o dicionário for em Braille.

Se o dicionário impresso, de consulta manual – porque o usuário, o revisor de textos no caso específico desta monografia, tem de folhear a obra em forma de livro para encontrar o vocábulo ou expressão que lhe interessa consultar – já era de grande ajuda ao profissional de revisão, o dicionário digital veio agilizar ainda mais a consulta.

Os dicionários digitais, de consulta *on-line* ou *off-line* (por aplicativo – app), são os de maior acesso hoje entre os jovens estudantes. É perceptível entre colegas de classe o acesso ao dicionário digital durante as aulas para saber com mais precisão o sentido de determinado vocábulo que o professor está usando durante suas explicações. Essa prática de consulta a dicionários digitais também foi incorporada pelos revisores de texto, que, atualmente, revisam textos que lhes são enviados por via digital. Assim, ao receberem o texto digitalizado, podem ir revisando e fazendo sugestões de alteração a partir da consulta, entre tantas tecnologias que serão aqui explicitadas, de dicionários digitais. A consulta é rápida e

não há necessidade de busca por ordem alfabética, como dito anteriormente. E há muitos disponíveis na internet, como o popular Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DICIONÁRIO, [2013]).

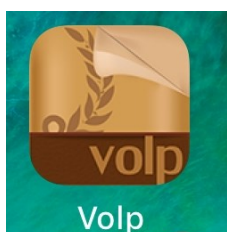
Aplicativos como o Dicionário Sinônimos Offline também são úteis, porque podem ser acessados sem haver conexão com a internet.

De acordo com a plataforma, esse é o maior dicionário *off-line* do país. Os sinônimos podem ser consultados a qualquer hora, mesmo sem haver conexão com a internet. Basta fazer o download do app gratuitamente e usar no smartphone. Esse app auxilia especialmente durante as atividades de produção textual, na busca de termos substitutos a outros já utilizados no texto que o autor quer evitar a repetição. (DICIONÁRIO SINÔNIMOS OFFLINE, 2019)

A vantagem do uso desse dicionário por meio de aplicativo digital em smartphones é a sua praticidade em razão da portabilidade, já que se pode carregar mais de 100 mil palavras no bolso sem pesar quase nada. As desvantagens se referem à necessidade de fonte elétrica para carga de bateria e à impossibilidade de acesso por cegos, exceto se o dispositivo (celular) tiver conversor de texto em voz.

Além do aplicativo Dicionário Sinônimos Offline, há o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), elaborado pela Academia Brasileira de Letras (ABL).

Imagem 3 – VOLP (logo do app)



Fonte: Capturada pela autora em: <https://play.google.com>. Acesso em: 2 jun. 2019.

Na página oficial da Academia Brasileira de Letras (2019), constam as seguintes informações: “O sistema de busca do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, quinta edição, 2009, contém 381.000 verbetes, as respectivas classificações gramaticais e outras informações conforme descrito no Acordo Ortográfico.”. E, ainda: “As divergências entre o VOLP impresso e a versão *on-line* resultam, quase sempre, de ter esta última incorporado as correções publicadas em suplemento, com as alterações feitas após a 5ª edição. ”

O acesso a essa ferramenta digital pode ser feito no *site* da ABL ou por aplicativo baixado tanto no sistema Android quanto no IOS.

Imagem 4 – VOLP (abertura do app)⁶



Fonte: Capturada pela autora em: <https://play.google.com>. Acesso em: 2 jun. 2019.

O procedimento é o mesmo para a busca de uma palavra: abre-se o *site* ou aplicativo, digita-se a palavra desejada e o verbete é disponibilizado. Se a digitação da palavra for diferente da estabelecida pelo padrão ortográfico atual, aparece a mensagem: “nenhuma palavra encontrada na pesquisa”. Então é preciso redigitar considerando outra hipótese de escrita. Por exemplo, se a digitação for “exdrúchulo” (para “esdrúxulo”) sairá a mensagem acima; então, experimenta-se outra forma de escrever (ensaio-e-erro), como “exdrúxulo”, que também receberá a mesma mensagem: “nenhuma palavra encontrada na pesquisa”, até que se consiga digitar da mesma forma em que está arquivada a palavra no VOLP. No entanto, outro ponto a se considerar como limitação dessa tecnologia – uma contradição em relação ao exemplo anterior –, tanto no *site* quanto no aplicativo, se refere aos casos de acentuação que não se enquadram nesse raciocínio. Por exemplo, quando se digita “radio”, sem acento, aparece “rádio”, com a grafia estabilizada, segundo as regras vigentes, nos resultados de consulta.

Se, por um lado, é um aplicativo que pode ser acessado *off-line*, por outro, é preciso já saber de antemão a escrita oficial para que se encontre a palavra imediatamente, para não ter de ficar redigitando as possíveis formas de se escrever uma palavra.

⁶ Já realizado o *download* para dispositivo móvel.

3.2 GRAMÁTICAS: IMPRESSAS E ON-LINE

As gramáticas impressas são também uma tecnologia antiga que continuam ainda sendo instrumentos de consulta. Foram objeto de construção lenta e de esforço de muitos povos. Os gregos deram sua contribuição ao se lançarem à reflexão sobre o pensamento, a linguagem, o padrão da língua, a legislação do uso a partir da posição dos filósofos, ainda que essa tenha sido contestada por grupos opositores, e sobre a convencionalidade ou naturalidade da língua. Os romanos também contribuíram ao elaborarem a gramática do latim. Os monges medievais também investiram seu tempo em reflexões e estudos comparativos entre as línguas, deixando um grande legado que, na modernidade, foi revisitado pelos primeiros linguistas. Desde então, a concepção de gramática vem se filiando a variadas vertentes, às quais não serão dedicadas explicações nesta monografia, por não ser seu foco central.

Num sentido amplo, o conceito de gramática se refere a um conjunto de regras que regem o uso de uma língua, embora seu sentido esteja muitas vezes ligado à imagem de um conjunto de regras de bem falar e escrever (como se encontra explicitado na abertura de muitas gramáticas, como, por exemplo, a de Celso Cunha (1980). Essa imagem acabou por fixar uma crença de que para falar uma língua é preciso saber as regras descritas em uma gramática, o que conferiu um sentido de prescrição ou de indicação de certo contra o errado no uso da língua, como um todo, em vez de considerar possibilidades de usos (no plural) da língua (ou das línguas, até porque esse também é um conceito deslizando).

Como, em geral, muitas gramáticas apresentam – e às vezes explicam – as chamadas formas aceitas pelo padrão de prestígio de uma língua, elas se constituem uma fonte de consulta para a escrita de textos. Nesse sentido, passam a ser fonte de consulta também dos profissionais de revisão de textos.

As gramáticas impressas apresentam as mesmas vantagens do dicionário impresso, conforme dito acima, como também as mesmas limitações deste.

Um bom revisor de textos deve acessar gramáticas de uso, muito mais do que as prescritivas ou normativas. Uma gramática de uso de qualidade, porque resultante de pesquisas de longo tempo, é a de Neves (2011). Para ficar somente num caso, apresenta-se a regência verbal. As pesquisas dessa linguista vêm indicando, por exemplo, o desaparecimento da preposição “a” no uso do verbo

“assistir” com sentido de “ver, apreciar”. Em vez de se dizer “vou assistir ao jogo de futebol hoje”, diz-se: “vou assistir o jogo de futebol hoje”. Assim, o traço diferenciador entre o verbo “assistir” no sentido de “auxiliar”, “prestar serviço ou ajuda” e o verbo “assistir” no sentido de “ver ou apreciar” está cada vez mais em desuso. Esse fenômeno tem de ser considerado pelo revisor de texto ao realizar a sua tarefa, especialmente na dependência do gênero textual, do público-destinatário do texto e do veículo em que circulará tal texto.

As gramáticas *on-line* não estão sistematizadas como os dicionários. Em geral, os fatos de língua(gem) estão dispersos em vários *sites*. O mais comum – no mundo digital – são explicações, ou melhor, apresentações avulsas de tópicos gramaticais. Assim, encontram-se tópicos como: concordância de substantivo coletivo (a maioria, o casal) com o verbo; uso da expressão “haja vista” (varia ou não varia?); plural de palavras compostas; uso do hífen, principalmente depois da vigência oficial do Acordo Ortográfico de 1990, ocorrida em 2016 (BRASIL, 2008). São inúmeros os *sites* que trazem esses casos, “explicando” seu uso “correto” ou somente indicando o “uso correto” em contraposição ao “uso errado” da língua. Além desses *sites*, há numerosas postagens no canal do YouTube com “aulas” de gramática para todos os níveis e gostos. Para citar alguns: Língua Portuguesa – Sidney Martins (classes gramaticais) (AULA..., 2019); Língua Portuguesa – Ivana Tavares (uso dos porquês) (DICAS, 2019).

As limitações dessas aulas de itens gramaticais da língua portuguesa se referem a postagens de apenas um tópico da língua, sem tradução para a Língua Brasileira de Sinais. Assim, o portador de deficiência auditiva fica impossibilitado de ter acesso a esse conteúdo. Outro ponto é que as apresentações ou “explicações” são bem simplistas para dar conta de atender a um público geral, não havendo fundamentação em nenhum estudo que respalde a argumentação ali presente.

3.3 APLICATIVOS

3.3.1 Conjugação

Imagem 5 – Conjugação de Verbos Offline



Fonte: Capturada pela autora
em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.setegraus.conjugacao&hl=pt_BR.
Acesso em: 2 jun. 2019.

No “Conjugação de Verbos Offline”, segundo o *site*, “todos os 20 mil verbos podem ser conjugados a qualquer hora, e em qualquer lugar” (CONJUGAÇÃO DE VERBOS OFFLINE, 2019), mesmo sem conexão com a internet. Esse aplicativo (app) auxilia o usuário a verificar a forma padrão das flexões verbais. O *download* é gratuito para Android. O procedimento é padrão: digita-se o verbo desejado, e a conjugação é mostrada em seis pessoas gramaticais (três do singular: eu, tu, ele/a; três do plural – nós, vós, eles/as). No entanto, não são consideradas as pessoas você ou vocês, tampouco “a gente”. A avaliação pelos usuários é alta: cinco estrelas.

O “Conjugação Português” opera do mesmo modo do app acima. Mas a avaliação pelos usuários é de 4 estrelas, ou seja, foi considerado menos bom do que o anterior.

Imagem 6 – Conjugação português



Fonte: Capturada pela autora em:
https://play.google.com/store/apps/details?id=com.jorgipor.conjugatorportuguese&hl=pt_BR.
Acesso em: 2 jun. 2019.

3.3.2 Acentuando

Imagem 7 – Acentuando



Fonte: Capturada pela autora em:
https://play.google.com/store/apps/details?id=br.estacio.ead.AcerteAcento&hl=pt_BR.
Acesso em: 2 jun. 2019.

O aplicativo Acentuando é de domínio do Grupo Estácio (universidades) e foi desenvolvido para ser acessado não para consulta como os aplicativos

mencionados anteriormente, mas como uma forma de aprender estudando. No *site* da Google Play, de onde pode ser baixado nas versões Android, há a seguinte informação do desenvolvedor: “O Acentuando é um aplicativo que incentiva você a estudar! Ele é formado por questões objetivas sobre cada tipo de acento da Língua Portuguesa: agudo, circunflexo e grave (crase). Conheça as regras de acentuação gráfica enquanto pratica exercícios de forma lúdica.” E acrescenta: “Ao terminar todos os testes, experimente o desafio dos Concursos! Neste nível, você encontrará questões de diversas bancas de concursos, poderá treinar o que aprendeu e ainda se tornar o primeiro colocado no nosso ranking.” (ACENTUANDO, 2019)

A vantagem desse aplicativo é o acesso às regras de acentuação; a limitação está em que não se acessa rapidamente a acentuação da palavra desejada. É preciso passar pela explicação antes de se ter acesso à acentuação segundo o padrão oficial da língua portuguesa.

3.3.3 Português para Concursos

Imagem 8 – Português para Concursos



Fonte: Capturada pela autora em:
<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.app.portuguesplay&hl=pt>. Acesso em: 2 jun. 2019.

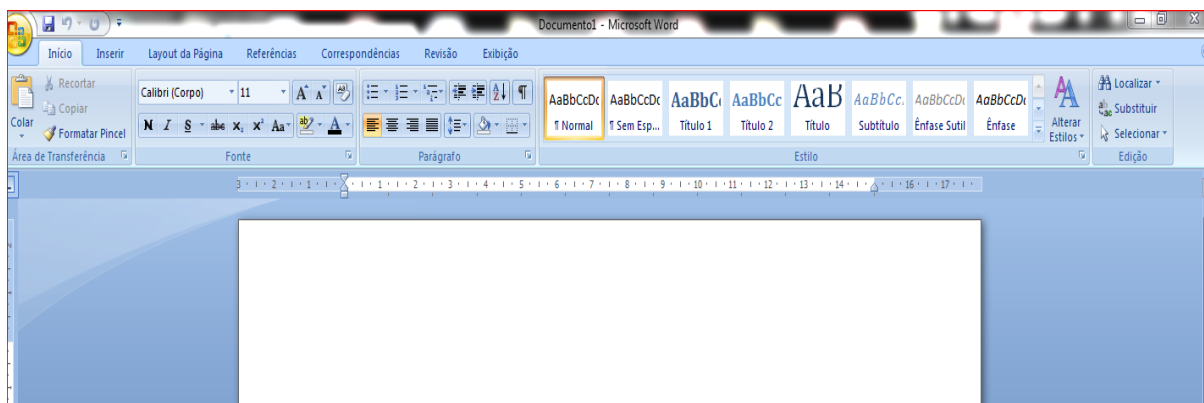
Trata-se de um aplicativo que dá acesso a questões solicitadas em concursos públicos no Brasil (PORTUGUÊS PARA CONCURSOS, 2019). Embora não tenha relação direta com o foco central desta monografia, que se volta para as tecnologias disponíveis aos revisores de textos acadêmicos, esse aplicativo tem utilidade porque apresenta questões de concursos públicos que abordam aspectos gramaticais ou de

norma padrão, ainda considerando a dicotomia do certo e errado. Então, o usuário pode fazer buscas nas opções “macetes” para verificar como algumas gramáticas tratam de determinado aspecto, como sintaxe, colocação pronominal, entre outros. Se a vantagem está na explicação de determinado aspecto gramatical com exemplificação em forma de pergunta de concurso público, a limitação está na organização por “macetes”. É preciso saber de antemão a que categoria gramatical pertence, ou melhor, em que categoria gramatical está alocado aquele fato de língua que se deseja conferir para saber sua adequada aplicabilidade em um texto.

3.3.4 Corretor automático do Microsoft Word

O corretor do Word, como é comumente chamado o corretor automático do Microsoft Word, tem sido a mais popular das tecnologias digitais. Sua utilidade tem sido comprovada por muitos usuários, porque a programação do sistema já indica em sublinhado vermelho na palavra cuja grafia esteja diferente do padrão de acordo com o vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Além da indicação da grafia fora do padrão, incluindo a acentuação gráfica, evidencia, ainda, possíveis inadequações em relação à pontuação (por exemplo, a vírgula entre o sujeito e o predicado de uma oração) ou à concordância verbal. A limitação dessa tecnologia na atualidade é que ela ainda não recebeu a nova versão de uso da língua portuguesa após o acordo ortográfico. Além disso, não processa ocorrências caracterizadas como coesão ou coerência textuais. Não faz a verificação ou indicação de termos repetidos, de anáforas equivocadas (o uso do “ele” ou do “esse” no lugar do “ela”, do “essa” ou do “aquele” ou, ainda, do “aquela”) ou de anáfora zero (quando o termo a ser recuperado ou referido está ausente).

Imagem 9 – Página do Word



Fonte: Capturada pela autora (2019).

Todas essas tecnologias, aqui apresentadas, têm sua utilidade e suas limitações conforme apontadas em cada item. Além dessas, há muitas outras com finalidades semelhantes; por isso não nos deteremos em analisá-las aqui, já que a funcionalidade se mantém como nas tecnologias descritas até agora. Para dar prosseguimento a esta monografia, passaremos à última etapa, em que serão registradas as considerações finais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras, importa retomar os objetivos propostos e apontar as tecnologias manuais e digitais apresentadas e descritas.

Em relação ao objetivo geral, havíamos proposto a investigação como forma de contribuição para a ampliação dos conhecimentos para o campo da escrita acadêmica e a tarefa do revisor de textos. Acreditamos ter atingido tal objetivo geral a partir do atingimento dos objetivos específicos especificamente sobre a apresentação das tecnologias manuais e digitais disponíveis para o trabalho de revisão textual e sobre a elaboração de uma descrição dessas tecnologias para a revisão textual, apontando o alcance de cada uma bem como suas limitações.

Nesse sentido, apontamos como vantagens da tecnologia digital a rapidez de acesso, para os offline, a possibilidade de atualização constante do acervo de palavras ou regras até porque independem de organização fixa (a ordem alfabética, por exemplo) das tecnologias manuais impressas.

Embora os corretores ortográficos e os aplicativos digitais proporcionem grande ajuda para revisar um texto, toda a tecnologia utilizada não tem condições de substituir o profissional encarregado de revisar um texto. A revisão de textos acadêmicos pelos *softwares* são de grande valia, porém não dão conta de substituir o profissional de revisão de textos, por ser um artifício muito mecanizado e limitado, como explicitado no capítulo anterior.

Ao revisor de textos cabe interpretar o texto, realizando ajustes na coerência e na coesão, já que uma máquina ou programa digital não consegue dar conta dessa tarefa – mesmo com todos os seus recursos e os investimentos feitos nas últimas décadas. Uma revisão de textos realizada pelo profissional de revisão é muito mais completa, e a revisão gramatical se torna mais elaborada, já que a sua interpretação não é feita somente com a mecanicidade de um *software*.

Na explanação defendida neste trabalho, nota-se que todo o processo estudado nos levou a crer que as revisões exigidas pelas demandas sócio-históricas-culturais foram marcando a necessária atuação dos revisores de textos e exigindo mais conhecimentos deles. Aliado a esse aspecto, um arsenal de fatores fez com que eles fossem se aperfeiçoando e tornando as revisões mais apuradas e eficientes.

Sem dúvida, as tecnologias manuais e digitais auxiliam muito em relação ao acesso à informação especializada, particularmente em referência ao sistema linguístico, ao uso da língua em suas diversas modalidades, bem como agilizam tal acesso. As tecnologias digitais têm uma vantagem a mais se comparadas às manuais por serem sistemas abertos que permitem a atualização constante do acervo da informação. Enquanto um dicionário impresso, de consulta manual, tem seu conjunto de vocábulos estabilizado numericamente ao ser publicado, um dicionário digital pode receber novas entradas de palavras ou novas predicções aos verbetes em curtos períodos de tempo. Essa característica lhe confere um caráter mais real dos sentidos circulantes nas interações humanas, pois são essas que vão construindo a língua(gem) que se fala, se escreve, se constrói e se usa.

Um revisor de textos profissional deve estar atento aos movimentos da língua e das práticas languageiras dos sujeitos envolvidos na interação, mantendo-se informado a partir de diferentes canais, e a internet é um deles. Deve, também, ter acesso às tecnologias digitais para dar mais agilidade ao seu trabalho profissional.

Na finalização desta monografia, cumpre-nos apontar futuras pesquisas dentro do campo da revisão de textos. Uma indicação bastante promissora se refere a uma investigação das práticas profissionais dos revisores de textos, incluindo seus obstáculos ou dificuldades encontradas na profissão.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 21 maio 2019.

ACENTUANDO. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.estacio.ead.AcerteAcento>. Acesso em: 21 maio 2019.

AULA 01/38 – Classes Gramaticais – Língua Portuguesa – Sidney Martins. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (70 min). Publicado pelo canal LacConcursos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RvrHXWL8P7M>. Acesso em: 20 maio 2019.

BRASIL. **Decreto n. 6.583, de 29 de setembro de 2008**. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm. Acesso em: 1º jun. 2019.

BRASIL. **Lei n. 8.662, de 7 de junho de 1993**. Dispõe sobre a profissão de assistente social e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8662.htm. Acesso em: 25 maio 2019.

BRASIL. **Lei n. 8.906, de 4 de julho de 1994**. Dispõe sobre o estatuto da advocacia e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8906.htm. Acesso em: 25 maio 2019.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Leitura e produção textual**. Porto Alegre: Penso, 2016).

COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão**: critérios para revisão textual. Brasília: Ed. Senac-DF, 2008.

CONJUGAÇÃO DE VERBOS OFFLINE. Disponível em: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.setegraus.conjugacao>. Acesso em: 15 maio 2019.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporânea**. 8. ed. rev. Rio de Janeiro: Padrão, [1980].

DICAS sobre como e quando usar porque, porquê, por quê e por que. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (6 min). Publicado por Ivana Tavares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6CRkBFhPtEw>. Acesso em: 18 maio 2019.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [S. l.: s. n., 2013]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

DICIONÁRIO Sinônimos Offline. Disponível em:
https://play.google.com/store/apps/details?id=com.cbcnos.sinonimos&hl=pt_BR.
Acesso em: 20 abr. 2019.

GARCEZ, Lucília H. do Carmo. **Técnica de redação**: o que é preciso saber para bem escrever. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOMIDE, Renata Marques; GOMIDE FILHO, Sérgio Roberto. Considerações sobre a revisão profissional de textos acadêmico-científicos. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 337-355, 1º sem. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

MALTA, Luiz Roberto. **Manual do revisor**. São Paulo: WVC, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino, 18).

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010. (Estratégias de ensino, 20).

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2. ed. atual. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PINTO, Ildete Oliveira. **O livro**: manual de preparação e revisão. São Paulo: Ática, 1993.

PORTUGUÊS para concursos. Disponível em:
<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.app.portuguesplay> Acesso em: 19 maio 2019.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrever na universidade**: fundamentos. São Paulo: Parábola, 2019. (Escrever na universidade, 1).